

**OS**  
**REGRESSADOS**

**j a s o n m o t t**

Tradução de Teresa Pinheiro

# 1

Naquele dia, Harold abriu a porta e deparou-se com um homem sorridente, de pele escura e fato bem talhado. Ainda lhe ocorreu pegar na espingarda, mas lembrou-se que Lucille o obrigara a vendê-la anos antes devido a um incidente que envolvera um pregador viajante e uma discussão sobre cães de caça.

– Em que posso ajudá-lo? – perguntou Harold, semicerrando os olhos devido à luz do sol que tornava o homem ainda mais escuro.

– Sr. Hargrave? – inquiriu o homem.

– Parece que sim.

– Quem é, Harold? – questionou Lucille, especada a ver televisão na sala de estar. O apresentador do noticiário falava sobre Edmund Blithe, o primeiro dos Regressados, e de como a sua vida mudara, agora que estava vivo outra vez.

– Será melhor à segunda vez? – perguntou o apresentador, falando diretamente para a câmara e fazendo recair o peso da resposta sobre os espetadores.

O vento ciciava através das folhas do carvalho do quintal e a luz do sol, que já ia baixo, passava sob os ramos e ofuscava os olhos de Harold. Protegeu-os com a mão a fazer de pala mas, ainda assim, o homem de pele escura e o rapazito não eram mais do que duas silhuetas ofuscadas num cenário azul e verde de pinheiros e céu limpo. Apesar de magro, o homem tinha um formato quadrado, dentro do fato elegante. O rapaz era baixo para a idade, que Harold estimava rondar os oito ou nove anos.

Harold piscou os olhos para se adaptar à luz.

Como não obtive resposta, Lucille perguntou pela segunda vez:

– Quem é?

Harold permanecia na entrada, pestanejando como uma sirene luminosa, olhando para o rapaz que o inquietava cada vez mais. Dispararam sinapses nos recônditos do seu cérebro. De repente, reconheceu o miúdo que estava ao lado do estranho de pele escura. Mas Harold tinha a certeza de que o seu cérebro estava errado. Fez o exercício mental outra vez, mas a resposta que obtive foi a mesma.

Na sala de estar, a televisão mostrava agora um amontoado de punhos erguidos, pessoas a gritarem e a segurarem cartazes, e soldados armados, imóveis como estátuas. Como só os homens da autoridade, munidos de armas, conseguem fazer. No meio da multidão estava a casa geminada de Edmund Blithe com as cortinas cerradas. A única coisa que se sabia era que ele estava algures lá dentro.

Lucille abanou a cabeça.

– Como é que isto é possível? – interrogou-se. E, logo em seguida, voltou a perguntar: – Quem está à porta, Harold?

Harold continuava na entrada, examinando o rapaz dos pés à cabeça: baixo, pálido, sardento e com uma cabeleira castanha desgrenhada. Vestia uma *t-shirt* antiga e calças de ganga, e trazia uma expressão de enorme alívio no olhar – um olhar que não era quieto ou distante, mas vibrante e carregado de lágrimas.

– O que é que tem quatro patas e faz *buuuu*? – perguntou o rapaz, com a voz trémula.

Harold pigarreou. Naquele momento, nem a isso sabia responder.

– Não sei.

– Uma vaca constipada!

O rapaz correu a agarrar-se à cintura do velho, soluçando «Pai! Pai!», antes que Harold pudesse confirmar ou negar. O homem resvalou de encontro à ombreira da porta – não caindo por pouco – e acariciou a cabeça do garoto, num instinto paternal que estivera adormecido durante muito tempo.

– Chiu – sussurrou. – Chiu.

– Harold? – chamou Lucille, afastando, finalmente, os olhos da televisão, na certeza de que algo terrível acontecera à porta de casa.

– O que se passa? Quem é?

Harold mordeu os lábios.

– É... é... – Quase dissera Joseph. – É o Jacob – disse, por fim.

Felizmente para Lucille, o sofá amparou-lhe a queda, quando desmaiou.

Jacob William Hargrave morreu a 15 de agosto de 1966. Na verdade, no dia do seu oitavo aniversário. Nos anos que se seguiram, os habitantes da cidade falavam da sua morte a altas horas da madrugada, quando não conseguiam dormir. Viravam-se na cama para acordarem os companheiros, conversando em sussurro sobre as incertezas do mundo e agradecendo a Deus a sua sorte. Por vezes, levantavam-se e espreitavam à porta dos quartos dos filhos para vê-los dormir, questionando-se silenciosamente sobre a natureza de um Deus que era capaz de arrancar deste mundo uma criança tão precocemente. Afinal de contas, eram sulistas numa cidade pequena: como poderiam não atribuir uma tragédia destas aos desígnios de Deus?

Após a morte de Jacob, a sua mãe, Lucille, afirmou que sentira que alguma coisa terrível iria acontecer naquela noite devido ao que se passara na véspera: sonhou que os dentes lhe tinham caído, algo que a sua mãe lhe prevenira, há muito, ser uma premonição de morte.

Durante a festa de aniversário de Jacob, Lucille preocupou-se em conservar o olhar atento não só sobre o seu filho e as outras crianças, mas também sobre os outros convidados. Saltaricava de um lado para o outro como um pardal inquieto a perguntar a todos se estavam bem, se tinham comida suficiente e a fazer comentários sobre como alguns tinham emagrecido desde a última vez que os vira, ou como as crianças tinham crescido, e referindo aqui e ali como o tempo estava formidável. Naquele dia, havia sol por todo o lado e tudo estava verde.

A sua inquietação fazia dela uma anfitriã excelente. Nenhuma criança ficava por alimentar, nenhum convidado sem companhia. Até conseguiu que Mary Green cantasse para eles, lá mais para o final da tarde. A mulher tinha uma voz doce como mel e Jacob, como se tivesse idade para ter uma paixão secreta por alguém,

sentia um fraquinho por ela, o que levava o marido de Mary, Fred, a trocar do rapaz sempre que possível. Foi um dia bom. Até Jacob ter desaparecido.

Escapuliu-se despercebido, como só os miúdos e outros pequenos mistérios sabem fazer. Foi por volta das três, três e meia – como explicariam, mais tarde, Harold e Lucille à polícia –, que Jacob, por razões que só ele e a própria natureza conheciam, se meteu a caminho pelo lado sul do jardim, descendo por entre os pinheiros, atravessando a mata e entrando no rio onde, sem perdão nem consentimento, se afogou.

Alguns dias antes de o homem do Comité ter assomado à sua porta, o casal tinha estado a conversar sobre o que fariam se Jacob «reaparecesse».

– Eles não são pessoas – disse Lucille, contorcendo as mãos.

Continuavam no alpendre. Todos os acontecimentos importantes se passavam no alpendre.

– Não podemos mandá-lo embora – disse Harold à mulher. Bateu com o pé no chão e a discussão rapidamente se acendeu.

– Simplesmente não são pessoas – repetiu ela.

– Bom, se não são pessoas, então o que são? Vegetais? Minerais?  
– Harold mordeu os lábios na ânsia de um cigarro. Fumar ajudava-o sempre a obter vantagem nas discussões com a mulher. Facto que, achava ele, era o verdadeiro motivo por que ela se irritava com o seu vício.

– Não sejas petulante comigo, Harold Nathaniel Hargrave. Isto é grave.

– Petulante?

– Sim, petulante! Sempre petulante! Sempre propenso à petulância!

– Francamente! Ontem era o quê? Loquaz? Então hoje é petulante?

– Não me gozes por querer falar melhor. A minha mente continua tão ágil como dantes, porventura ainda mais. E não tentes fugir ao assunto.

– Petulante! – Harold proferiu a palavra carregando no *te* final

com tanto furor que um jato de perdigotos atravessou a guarda do alpendre. – Ora!

Lucille fez de conta.

– Não sei o que são – continuou, levantando-se e sentando-se outra vez. – Só sei que não são como eu ou como tu. São... são...  
– Fez uma pausa. Preparou a palavra dentro da boca, juntando tudo muito cuidadosamente, peça por peça. – São demónios – desabafou, por fim. Depois, encolheu-se, como se a palavra tivesse voltado para trás e a tivesse atingido. – Vieram para nos matar. Ou para nos tentar! Estes são os dias do fim. *Quando os mortos regressarem à terra*. Está na Bíblia!

Harold bufou, ainda a matutar na palavra *petulante*. Levou a mão ao bolso.

– Demónios? – A mão procurava o isqueiro, ao mesmo tempo que a mente buscava uma lógica para aquilo que acabara de ouvir.  
– Demónios são superstições. Fruto de mentes e de imaginações mesquinhas. Se há palavra que deveria ser banida do dicionário é *demónio*. Ah! Essa é que é uma palavra petulante! Não tem nada a ver com a realidade nem com estas pessoas «Regressadas». E não duvides, Lucille Abigail Daniels Hargrave, que são pessoas. Conseguem tocar-te e beijar-te. Nunca conheci um demónio que fizesse isso... embora, antes de casarmos, tivesse havido uma rapariga loira de Tulsa num sábado à noite... Essa sim, devia ser um demónio.

– Silêncio! – protestou Lucille, tão alto que se surpreendeu a si própria. – Não vou ficar aqui a ouvir-te dizer essas coisas.

– Que coisas?

– Não pode ser o nosso rapaz. – As palavras abrandaram quando a gravidade da situação e a lembrança do seu filho perdido voltaram a pairar sobre si. – O Jacob foi para junto de Deus – continuou, cerrando os punhos delgados e brancos sobre o colo.

Houve um silêncio.

Em seguida, Harold perguntou:

– Onde diz isso?

– O quê?

– Onde é que diz isso na Bíblia?

– Isso o quê?

– Que os mortos regressarão à terra?

– No Livro do Apocalipse! – Lucille abriu os braços ao responder, como se a pergunta não pudesse ser mais parva. Como se lhe tivessem perguntado se os pinheiros têm asas. – Está lá, no Apocalipse! *Os mortos regressarão à terra!* – Ficou satisfeita por ver que as suas mãos continuavam fechadas. Acenou-as a ninguém, como às vezes faziam nos filmes.

Harold riu-se.

– Em que parte? Em que capítulo? Em que versículo?

– Cala-te! – ordenou. – Está lá e é o que interessa. Agora cala-te!

– Sim, minha senhora. Não quero ser *petulante*.

Mas quando o demónio apareceu realmente à sua porta – o seu próprio demónio – pequeno e maravilhoso como sempre fora, há tantos anos... Com os olhos castanhos carregados de lágrimas e de alegria e com o súbito alívio de uma criança que estivera demasiado tempo afastada dos pais, demasiado tempo na companhia de estranhos... Bom... Depois de recuperar do episódio do desmaio, Lucille derreteu-se como cera em frente ao homem bem apresentado do Comité. Este, por sua vez, aguentou-se bem. Fez um sorriso experiente, de quem já assistira várias vezes a cenas semelhantes, em semanas anteriores.

– Existem grupos de apoio. Grupos de apoio para os Regressados e grupos de apoio para as famílias dos Regressados. – Sorriu e continuou: – Ele foi encontrado numa pequena vila piscatória perto de Pequim, na China. – O homem dissera o nome ao chegar, mas tanto Lucille como Harold eram péssimos a fixar nomes, e o facto de estarem a olhar para o seu filho morto não ajudou à festa. Portanto, para eles o homem era, simplesmente, o representante do Comité. – Segundo soube, estava ajoelhado na margem de um rio a tentar pescar. Os habitantes locais, com um inglês macarrónico que o rapaz não conseguiu compreender, acabaram por perguntar-lhe, em mandarim, como se chamava, como tinha ido ali parar, de onde era, enfim, todas as perguntas que se fazem quando se encontra uma criança perdida. Quando se aperceberam da barreira imposta pela língua, um grupo de mulheres tentou acalmá-lo. O miúdo começou

a chorar, e como não? – O homem voltou a sorrir. – Afinal de contas, estava tão longe de casa e nem sabia onde. Mas lá o sossegaram. Depois, conseguiram encontrar um funcionário que falava inglês e, bom... – Encolheu os ombros sob o fato escuro diante da insignificância do resto da história. – Isto está a acontecer por todo o lado.

Com um sorriso pouco inocente, o homem observou a forma como Lucille adulava o filho que, de repente, já não estava morto. Apertou-o contra o peito e beijou-o na cabeça. Pegou-lhe no rosto com as mãos e cobriu-o de beijos, entre risos e lágrimas.

Jacob respondeu com risadas e gargalhadas soltas, sem limpar os beijos lambuzados da mãe, ainda que na sua idade o mais natural fosse fazê-lo.

– Esta é uma ocasião única para todos – afirmou o representante do Comité.